DE RITOS E MUNDOS

*Aparecida Vilaca*¹

Com a clareza que lhe é característica, Robbins propõe uma abordagem completamente original aos estudos de pluralismo religioso, desviando a discussão do tema da religião como um todo para as especificidades do ritual. De acordo com o autor, a principal característica dos rituais bem sucedidos é a realização plena de um único valor, e é nesse sentido que o ritual opor-se-ia à vida diária e às experiências religiosas como um todo, no qual diversos valores costumam estar em jogo, tendo como consequência a experiência pessoal do conflito. O ritual, ao contrário, propiciaria a experiência de alívio, mesmo que provisória, decorrente da solução desses conflitos. Nesse sentido, o que costumamos chamar de pluralismo religioso seria menos religioso e mais ritual, ou seja, uma busca por ritos de outras religiões para a solução de conflitos de valores intrínsecos à religião original.

Para demonstrar o que entende por solução ritual do conflito entre valores, Robbins oferece exemplos oriundos de dois contextos completamente diferentes. Em nossa vida acadêmica, sugere o autor, os valores da honestidade e da gentileza estariam em conflito, pois muitas vezes não se pode ser honesto e gentil ao mesmo tempo. O ritual dos aplausos após uma conferência constituiria uma solução para o conflito, pois atua claramente o valor da gentileza, sem colocar em xeque a honestidade. Entre os urapmin, para os quais os valores em conflito são o relacionalismo, dominante na vida tradicional, e o individualismo, dominante no cristianismo voltado para a salvação, a solução é buscada em dois rituais distintos. A salvação individual é atuada no ritual cristão do *Spirit disco*, enquanto os valores relacionais são claramente expressos no sacrifício de porcos para os espíritos donos da natureza e causadores de doenças. Cristãos declarados, os urapmin não valorizam o ritual dos porcos, considerado por muitos um pecado, fazendo deste um exemplo claro de uma

¹ Professora do PPGAS/Museu Nacional da UFRJ. Contato: aparecida.vilaca@terra.com.br

diversidade que não implica a opção por duas religiões distintas, a “religião urapmin” e o cristianismo, mas simplesmente em um pluralismo ritual associado aos conflitos decorrentes de sua opção pelo cristianismo.

A clareza da argumentação de Robbins desvia o leitor de um aspecto que me parece problemático em sua hipótese: aquele da relação entre cultura e ritual. Se para Robbins (2004) religião é cultura, ou seja, um conjunto de categorias, valores e relações entre eles – de modo que o cristianismo é tratado por ele em diversos trabalhos como “cultura cristã” –, sua abordagem aqui parece-me propor uma dissociação entre cultura e ritual. Em outras palavras, poder-se-ia circular entre rituais mantendo firme o pé em uma determinada cultura, tal como acontece com os urapmin, que não deixam de ser cristãos ao realizarem o sacrifício de porcos, e como aconteceria, podemos supor, com cristãos brasileiros, que podem recorrer eventualmente a rituais espíritas em busca da atuação de valores relacionais (continuidade vivos-mortos) banidos pelos ritos cristãos, focados na salvação individual, sem com isso deixarem de se ver como cristãos.

Essa circulação parece-me, entretanto, bem mais complexa do que nos faz crer o autor. Os rituais não se limitam à realização de valores únicos e purificados de determinada cultura, mas envolvem todo um complexo cosmológico que o autor não coloca em cena. Ou seja, um rito não se restringe ao domínio da moral, mas é, também, um meio de fabricação dos fundamentos ontológicos de uma cultura. Não se sai de um ritual simplesmente com o alívio da solução de um conflito de valores, mas com a certeza da existência de outros tipos de seres e com um determinado tipo de relação estabelecido com eles; em suma, com um novo mundo. O ritual não é parte dissociável da cultura, mas a própria cultura em suas premissas.

Na Amazônia, por exemplo, complexos rituais coletivos constroem um mundo povoado por espíritos humanos, com os quais se trava relações de colaboração e oposição, tal como acontecia nos rituais tradicionais urapmin de diálogo com os espíritos-donos da natureza. Não se pode dizer que esses espíritos existam independentemente do ritual, pois a relação com eles é concomitante à sua criação. Desse modo, a realização de um ritual que

envolva essa relação implica, necessariamente, habitar um mundo povoado não só por humanos, mas também por espíritos da natureza. O cristianismo, com seus rituais, pretende constituir um outro mundo, dividido entre céu e terra, povoado de indivíduos e controlado por um Deus único: outra geografia, outra temporalidade e outros seres.

Se consideramos a realidade etnográfica do pluralismo ritual, a questão que se coloca, portanto, refere-se à possibilidade do pluralismo ontológico. Como se pode habitar mundos distintos ao mesmo tempo? A meu ver, isso é possibilitado justamente por alguns rituais, e daí o seu sucesso. Vêm-me à mente os ritos de exorcismo que fazem tanto sucesso em algumas vertentes pentecostais, que dão vida aos espíritos do mundo pré-cristão, ao mesmo tempo em que os submetem ao poder de Deus. De acordo com a argumentação de Robbins, o sucesso desse rito deve ser atribuído à proeminência final dos valores cristãos, mas acho possível atribuir esse sucesso não ao resultado final do ritual, mas ao seu meio, quando há o ápice da ação ritual, em que o mundo pré-cristão dos espíritos é reconstituído. Em outras palavras, a meu ver, deve-se levar em conta que se pode desejar habitar dois mundos, e não livrar-se de um deles.

O cristianismo tem a grande vantagem de comportar essa oscilação, de ter em seu seio, na figura do diabo, um espaço em branco para outros seres e outros mundos, além de dar lugar à existência de pessoas complexas, por meio da figura partida de seu Deus, cujo espírito penetra nos corpos dos fiéis e os altera. Nesse sentido, o contexto científico mencionado por Robbins, embora esclareça a questão do conflito de valores, é, a meu ver, profundamente distinto do contexto cultural dos urapmin em suas experiências religiosas. Enquanto, no primeiro, os valores em conflito estão associados a uma mesma cultura ou a uma ontologia única, que comporta noções de pessoa e humanidade compartilhadas, no contexto urapmin, a oposição não se limita aos valores, mas ao mundo habitado como um todo. Poderíamos mesmo supor que o *Spirit diskó* e o sacrifício de porcos, ainda que percebidos como contraditórios pelos urapmin, formam um único todo que, tal como os ritos de exorcismo pentecostais, permite a convivência dos mundos.

O conflito intenso que marca a vida urapmin, tão bem descrito na etnografia de Robbins (2004), não é, necessariamente, a marca de todo coletivo cristão. Em alguns casos, acontece justamente o contrário, ou seja, o cristianismo surge como o contexto para se viver valores tradicionais dentro da modernidade, que, essa sim, busca promover um mundo ontologicamente chato, que se vê então “reencantado” pela religião. E por reencantamento não entendo somente a existência do universo de espíritos e a possibilidade de relações mais ou menos diretas com eles, mas justamente a convivência de múltiplas noções de pessoa e de mundos.

REFERÊNCIA

ROBBINS, Joel. *Becoming Sinners: Christianity and Moral Torment in a Papua New Guinea Society*. Oakland, CA: University of California Press, 2004.

Recebido em: 15/03/2014

Aprovado em: 20/03/2014